



INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
Bacharelado em Humanidades - BHU-

PEDRO ALEX CARNEIRO PINTO

**ENTRE ESTEREÓTIPOS E REALIDADES: A HIPERSEXUALIZAÇÃO DO
HOMEM NEGRO, GAY E BRASILEIRO EM *SITE* DE PORNOGRAFIA 18+**

ACARAPE – CE

2025

PEDRO ALEX CARNEIRO PINTO

**Entre estereótipos e realidades: A hipersexualização do homem negro, gay e brasileiro
no *site* de pornografia 18+**

Trabalho apresentado para obtenção do título de Bacharel em Humanidades. Celebrado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sob a orientação do Professor Dr. Ivan Costa Lima.

ACARAPE – CE

2025

PEDRO ALEX CARNEIRO PINTO

**Entre estereótipos e realidades: A hipersexualização do homem negro, gay e brasileiro
no *site* de pornografia 18+**

Trabalho apresentado para obtenção do título de Bacharel em Humanidades. Celebrado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab, Ceará, sob a orientação do Professor Dr. Ivan Costa Lima.

Aprovado em: 02/06/2025

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ivan Costa Lima (Orientador)

Prof.a Dr.a. Gisela Macambira Villacorta (Unifesspa – Examinadora externa)

Prof.a Dr.a. Carolina Maria C. Bernardo (Unilab – examinadora)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA DE PESQUISA	7
2.1 TEMA	7
3 OBJETIVOS	8
3.1. OBJETIVO GERAL	8
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
4 PROBLEMA	9
4.1. PROBLEMA GERAL	9
5 JUSTIFICATIVA	10
5.1 ESCRIVIVÊNCIAS	11
6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
6.1. A CONCEPÇÃO DO HOMEM NEGRO A PARTIR DA BRANQUITUDE	19
6.2. A HIPERSEXUALIZAÇÃO DO HOMEM NEGRO	20
6.3. O PAPEL DA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA X CORPOS NEGROS	21
7 METODOLOGIA	23
7.1. TIPO DE MÉTODO	23
7.2. PROCEDIMENTO DE PESQUISA: DEFINIÇÃO DE CORPUS	23
7.3. A COLETA DE DADOS	24
7.4. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DA PESQUISA	24
7.5. PROCEDIMENTOS ÉTICOS	24
7.6. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	24
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa tem como finalidade compreender como os corpos brancos olham os corpos negros no *site* de pornografia *xvideos*, a fim de discutir se há uma hipersexualização do corpo negro gay, uma análise feita a partir de comentários de usuários brancos da referida página.

Nessa perspectiva, este estudo será feito a partir dos dados que serão coletados no site de pornografia *xvideos.com*, analisando e percorrendo sobre comentários fixados acerca das cenas. A proposta de estudar e aprofundar sobre esse tema vem de questões relacionadas as experiências de uma pessoa racializada, que se propõe a refletir sobre como os corpos negros são vistos na indústria pornográfica, e sobre um conceito do que seja hipersexualização.

Como um corpo negro gay, diante de um processo de aprendizado sobre questões raciais brasileiras, fui entender de que maneira o racismo é operado em diversas camadas no Brasil, com isso vinha me deparando com o assunto da hipersexualização no âmbito universitário, em especial, a partir de debates que foram promovidos em salas de aulas pelos professores do curso de Bacharelado na Unilab - CE.

Dessa forma, visualizo o reflexo desse estudo contribuir para a ampliação das discussões acerca dos corpos negros gays masculinos na sociedade brasileira. Também, dentro desta temática principal, promover na Unilab discussões sobre a hipersexualização, tendo como enfoque o estudo sobre como corpos brancos atuam diante de corpos negros na indústria pornográfica.

A partir da reflexão sobre o racismo, trago aqui como discussão, como o corpo do homem negro é ou não hiper sexualizado no âmbito pornográfico; e assim analisar essa ação a partir da coleta de vídeos e comentários fixados que são feitos no *site xvideos*. Ainda neste contexto, visio construir um embasamento teórico, na busca de compreender se o comportamento desses usuários pode ser considerado de cunho racista, visto que tal problemática está associada a um processo histórico atravessado pelo processo de escravidão, e que perpassa a contemporaneidade, quando se refere a população negra.

Devido à escassez de estudos relacionados aos corpos negros gays masculinos, este estudo pode contribuir em ampliar o entendimento das razões pelas quais esses corpos são, na maioria das vezes, colocados no lugar da hipersexualização, do

fetichismo do seu corpo, sendo, portanto, uma justificativa para uma discussão mais sistematizada sobre a problemática. Ademais, existe uma questão pessoal para a realização desta pesquisa, que funcionará como base para o entendimento de tantas violências que meu corpo sofreu durante toda uma relação interracial que tive com um garoto há 9 anos atrás.

A fundamentação desse TCC consiste em trazer os autores/as para dialogar com o que pretendo retratar na questão a ser apresentada. Como o tema sobre a hipersexualização do corpo negro gay masculino é pouco debatido na atualidade, insisti em trazer essa discussão junto a estes autores/as porque, juntamente com o material que coletei, acredito que será viável relacionar com os estudos não só acadêmicos, mas também socioculturais. Portanto, digo que este estudo também trará autores/as não só pretos/as, como também autores que de certa forma irão ter um envolvimento com o assunto ou participante da comunidade LGBTQIAPN+, tendo em vista que são temas interligados.

A partir da realização desta pesquisa pretendo buscar o maior número de informações nas quais irei me basear para o aprimoramento desta discussão que se faz acerca do corpo do homem negro, gay e brasileiro.

Este projeto contém como composição de sua estrutura o tema, que tratará sobre a hipersexualização do homem negro gay e brasileiro. O objetivo geral que consiste em fazer uma análise de como se dá essa hipersexualização do corpo do homem negro. Os objetivos específicos consistem no detalhamento e no aprofundamento dessa questão necessária a ser debatida. No problema da pesquisa tem-se uma pergunta norteadora, que vai ter como enfoque de que maneira se dá esse processo de hipersexualização e análise dos comentários fixados pelos consumidores destes vídeos pornográficos.

Por seguinte, a fundamentação teórica com pensadores e pensadoras do movimento negro e outros movimentos sociais. para reforçar a necessidade desta discussão na contemporaneidade e, assim, abrir brechas para mais estudos que envolvem essa área.

A metodologia vem em seguida com o intuito de explicar o processo de coleta destes vídeos, que serão tirados de site pornô, com enfoque nos comentários acerca do corpo negro, gay e masculino que está ali.

Esta pesquisa pretende fazer uma contextualização histórica do quê e de como essa questão da hipersexualização do homem negro gay e brasileiro afetou no processo da escravidão e os pós, no segundo tópico se tem como base a análise dos vídeos e seus

comentários acerca destes corpos que são tratados como objetos na indústria pornográfica.

Na primeira parte deste projeto trabalharei com a ideia de que no Brasil houve vários acontecimentos para que o racismo estrutural no Brasil fosse reforçado de inúmeras maneiras. Discute-se que desde a escravização, o corpo preto masculino tem sido tratado como um objeto de uso e desuso. Com isso, podemos focar aqui sobre como o corpo dos homens negros eram utilizados por seus colonizadores como um corpo não só para as atividades braçais, porém, também para atos sexuais.

Na segunda parte focarei na questão em si da hipersexualização do homem negro, assim, quando fala-se deste assunto acima da comunidade negra, não é sobre a proibição de olhar para aquele corpo ou de achar ele bonito, mas, que a problemática, estende-se a branquitude até hoje, transparecendo em não conseguir enxergar o corpo, como um corpo que merece afeto, pelo viés racista, dessa forma reforçando que, o corpo preto seja objetificado em seu todo.

Por fim, finalizando com a bibliografia utilizada, que contribuíram para as questões que serão tratados quando da execução desse trabalho de pesquisa.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA DE PESQUISA

2.1.TEMA

Entre estereótipos e realidades: A hipersexualização do homem negro, gay e brasileiro no site de pornografia 18+

2.2.DELIMITAÇÃO DO TEMA

Entre estereótipos e realidades: A hipersexualização do homem negro, gay e brasileiro no site de pornografia *xvideos*. A discussão sobre a hipersexualização diz respeito aos significados que são acentuados da sexualidade em determinados corpos, sendo vistos de forma objetivada, ou seja, como objetos de desejo ou fetiche. Neste sentido, o projeto quer discutir como recai sobre os corpos de homens negros gays no olhar hiper sexualizado ou não por parte de homens brancos gay, a partir de comentários fixados em site de sexo na internet, intitulado *xvideos*, na busca do entendimento se há conotações racistas sobre esta forma de viver a sexualidade. Reitero que, recorte temático possibilita explorar um assunto que muitas vezes é considerada tabu ou cercado de preconceitos, já que pouco se estuda sobre homens negros gays em suas demais esferas.

3 OBJETIVOS

3.1.OBJETIVO GERAL

- Compreender se há a hipersexualização de corpos de homens negros gays e cis, a partir de comentários fixados no site *xvideos*, na visão de homens brancos gays.

3.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir sobre o conceito de hipersexualização na mídia e seus impactos no corpo do homem negro gay e brasileiro;
- Refletir como esses corpos negros e gays têm sido tratados na indústria pornográfica ao longo de determinado tempo;
- Debater a partir dos comentários fixados como se estabelecem hierarquias sociais racistas ou não sobre os corpos negros gays;

4 PROBLEMA

4.1. PROBLEMA GERAL

Os corpos negros gays sofrem de uma hipersexualização por parte de homens brancos gays em comentários fixados no site xvideos?

5 JUSTIFICATIVA

Compreendo que para realizar este projeto da forma mais significativa possível, diz respeito a trazer os elementos sociais, culturais e pessoais que fazem com que eu busque aprofundar sobre um tema ainda pouco explorado, desta forma, contribuir para o debate acadêmico na conclusão do curso. Essa pesquisa tem a finalidade de ampliar os estudos sobre a hipersexualização do corpo do homem negro gay e brasileiro, com a perspectiva de agregar às pesquisas já existentes sobre a hipersexualização do corpo negro e gay em *sites* pornográficos.

Com o propósito de aprofundar nessa área, visto com esta pesquisa buscar reflexões críticas de como se dá esta possível hipersexualização do homem negro gay e brasileiro, buscando-se apontar possíveis consequências e atitudes que possam ser entendidas como tendo um viés racista, a partir da análise de comentários fixados, visto que essa problemática pode trazer para o corpo negro uma série de traumas.

Neste trabalho também, não deixarei de fora a problemática de que esse site de pornografia, em especial o xvideos, que será foco do meu trabalho, tem um público específico tanto de consumidor, quanto de produtor de conteúdo adulto, logo, é um site onde pessoas têm acesso livre aos conteúdos que levam a satisfazerem seus desejos e ao mesmo tempo que emitem opiniões, nas caixas de comentários sobre os corpos e as cenas apresentadas, tal ferramenta é o que será analisado no trajeto da pesquisa.

A escolha desse tema ocorreu a partir de minhas experiências afetivas-sexuais com um homem branco. Entre os anos de 2016-2018, eu vivi um relacionamento homossexual com um homem branco e, nessa relação eu, que tinha 16 anos não tinha tanta noção do que um homem de 26 poderia provocar no meu corpo. Hoje percebi que me oferecia traumas, que ao longo do tempo eu só fui perceber, quando entrei na universidade, entre eles: a hipersexualização do meu corpo de diversas formas. O racismo chegava no meu corpo a partir do mesmo momento em que eu me desviava dele, ou seja, nesse processo de relacionamento essa hipersexualização demasiada e camuflada de elogios sobre principalmente minhas partes íntimas, chegava de uma forma diferente da qual eu vejo hoje, o que foi toda aquela relação dita interracial. Portanto, o teor dessa pesquisa para a minha pessoa e meu povo pode ser um rompimento desses traumas e a luta pela socialização afetiva entre pessoas pretas.

Neste sentido, a pesquisa vai dialogar com diferentes autores e autoras que apontam por divergentes caminhos a natureza hiper sexualizada dos demais corpos,

entre eles os de negros e negras, ao longo da história nacional, onde foi criando estereótipos e um imaginário que define papéis a serem submetidos na esfera sexual.

O problema geral insiste em saber de como se dá a hipersexualização do homem negro gay e brasileiro em comentários fixados do site *xvideos*, a partir da visão do homem branco, e, para isso terei que fazer a análise dos comentários dos vídeos no site, acerca do corpo negro ali em cena, com objetivo de trazer a resposta para essa pergunta. Lembrando mais uma vez, que pessoas de todos os públicos têm acesso livre a esse site de pornografia, logo, as mesmas poderão se sentir seguras a ponto de comentarem o que bem entenderem na aba de comentários fixados.

Com base no que foi exposto, evidencia-se, portanto, que o enfoque desse projeto será trazer possíveis respostas para questões sobre a hipersexualização do corpo negro gay nesses espaços, e assim abrir ambientes para que outras pessoas possam se interessar sobre este tema, ampliando os conhecimentos sobre esses estudos, que se refere sobre a objetificação do corpo do homem negro gay e brasileiro, e em que esfera entra a questão do racismo pode estar presente nessa discussão.

Penso que seja de relevância máxima esse tema para que haja mais estudos sobre ele, como possibilidade de se desenvolver discussões acerca dos impactos que pessoas negras podem sofrer por conta da objetificação de seus corpos, que vêm desde o processo de escravização. Por isso e outros fatores acredito que seja importante dar atenção para pesquisas e temas de estudos como esse, visto que é bem escasso.

5.1 ESCRIVIVÊNCIAS

Escrevivência é um conceito que une as palavras "escrever" e "viver", e que foi cunhado pela escritora Conceição Evaristo (2020, p.12), sendo uma prática de escrita que valoriza as experiências pessoais ou coletivas consideradas marginalizadas, como é o caso das pessoas negras.

Com isso, o meu corpo nasceu a partir dos anos 2000, dia 2 de setembro, virginiano. Nasci em Fortaleza, mas fui criado desde criança em São Gonçalo do Amarante, Croátia. Lembro-me de vários acontecimentos da minha infância, desde os menos importantes até os mais gostosos de se lembrar. Um dos acontecimentos mais importantes e marcantes da minha vida, foi a minha entrada no ambiente escolar. Ali comecei a me desenvolver fisicamente, socialmente; e é com esse relato que começo a falar sobre minha trajetória acadêmica para o desenvolver esse TCC, que consiste em

estudar como se dá a hipersexualização do homem negro-gay e brasileiro no site de vídeos pornô, a partir de experiências vividas em meu cotidiano, pesquisas sobre o tema, e até a chegada dessa problemática em minhas necessidades de estudá-la e compreendê-la.

Comecei a estudar quando tinha 3 anos, numa creche que se chamava CEDI Estrela Dalva, em Croatá. Lembro que comecei a ler com 5 anos e aí desenvolvi o ato de escutar e falar para o mundo. Escutava relatos de minhas professoras nas reuniões do colégio para com a minha mãe de que eu era um aluno muito bom, mas que ficava com muita conversinha paralela com o restante da turma. Mas sempre minha mãe relevava, minha mãe, uma mulher negra de pele retinta que trabalhava a maior parte de seu dia de diarista, não tinha muito acesso aos meus deveres de casa. Meu pai também, era frentista de um posto da cidade, não tinha tempo para ver. Sempre fiz meus deveres sozinho, recordo que na entrada do ensino fundamental I foi quando minha avó entrou para o EJA em uma escola de minha cidade e, conseqüentemente, os nossos deveres eram muito parecidos, sentávamo-nos por ali e fazíamos juntos, eu ensinei até ela a ler.

No meu ensino fundamental I, participava de diversos eventos que tinham na escola, aulas externas e até jornal escolar. Recordo que uma vez escrevi uma frase sobre o que minha professora tinha pedido, era um indígena numa canoa em um rio e eu descrevi o quão era bonita aquela imagem e, assim, fui parar nos destaques do jornal da escola em 2007.

Quando adentrei mais para as séries acima fui me desenvolvendo coletivamente e fazendo muitas amizades que perduraram por anos. Em 2013, com 13 anos participei de uma eleição do grêmio estudantil que neste ano ocorria na minha escola, foi um processo bem grande e de muito estresse para um adolescente, mas mesmo assim insisti e consegui, fui vice-presidente da minha chapa. A nossa chapa ganhou as eleições do grêmio estudantil e se tornou ali a primeira chapa depois de 10 anos sem existir um grêmio da escola Porfírio de Araújo.

Durante o mandato que foi de 2 anos seguidos, percebi o quanto era enorme a vontade que tinha de estar presente em ações sociais, acadêmicas e estudantis. E foi nesse tempo, que ganhei meu primeiro celular digital, um tempo que descobri a internet, que comecei a fazer contas em redes sociais e assim, pude ter o primeiro momento de acesso às redes midiáticas.

Nesse período de descoberta de um novo mundo de possibilidades, ao ganhar meu primeiro celular, me senti mais conectado ao mundo de alguma forma. Uma delas

foi quando comecei a descobrir meu gosto por músicas em inglês e pela língua em si. Nisso, recordo que neste tempo, não tínhamos condições de colocar internet em casa, nem pelo chip e então escutava muita rádio, era algo muito frequente até pelo meu pai. Lembro-me de uma vez que tocou Beyoncé, a música XO, do seu álbum autointitulado, eu não tinha noção de que escutar aquela música e saber quem estava cantando viria me fazer ir atrás de conhecer essa artista.

Por fim, conheci Beyoncé Gisele Knowles pela *wikipédia*, nos computadores da escola, a artista que escutava na rádio quando tocava. Junto com esse arcabouço, me deparei com vídeos e temáticas abordadas pela cantora, que outrora eram muito intrigantes para um jovem de apenas 13 anos. Mas um passo importante para o início do meu processo de racialização. Nesse tempo lembro de muitas vezes levar a cantora para a sala de aula nas aulas de inglês, com proposta de aprender mais e pedir para a professora de inglês na época explicar e apresentar a cantora para os outros colegas de classe.

Recordo que inúmeras vezes foi dito toda a história da cantora como uma mulher negra de pele clara, e isso fazia me sentir confuso e olhar para mim mesmo e outros colegas de classe como pessoas do mesmo tom ou quase, que poderiam fazer sucesso na vida também, visto que, pelo acesso que tínhamos naquele tempo e até hoje, a maioria das imagens midiáticas formadas pela indústria eram apenas de pessoas brancas.

Em 2015, estava cursando o 9º ano do fundamental II, foi um ano decisivo para minha trajetória como pessoa acadêmica e social, tendo em vista que neste ano me assumi gay para a minha família. Então, tive que entender que a partir daquele momento eu deveria ter como referência a mim mesmo e seguir nesse mundo que tem bases racistas, machistas e patriarcal, que insiste em demonizar homossexuais e pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

Logo mais tarde, entrei no ensino médio, em 2016, numa escola profissionalizante, localizada em Pentecoste-CE, uns 20km de distância de minha cidade. Ao entrar no ensino médio, comecei a perceber, analisar que existiam outros processos que iria ter que percorrer para a conclusão de meu sonho que era só terminar meus estudos e ter algum emprego.

Iniciei meu ensino médio na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, situada no município de Pentecoste-CE. A escola trabalhava com os estudantes uma metodologia de aprendizagem cooperativa, na qual insistia no ensino de três estudantes reunidos em células cooperativas e que no processo da interação desse

trio, o método cooperativo de compartilhar, guardar o tempo e coordenar aquela célula era o entendimento de que ali estava garantindo uma aprendizagem e o bônus, a cooperação.

Esta metodologia me ajudou muito na questão da minha sociabilidade para com outras pessoas. A meu ver, analisando que venho de um contexto de ser uma bixa preta do interior. Este período em que iniciei meus anos de estudos naquela instituição era um período de descoberta de gostos, sexualidade e estudos sobre gêneros. Consegui sair da escola com o entendimento de que eu estava terminando um ciclo em que estava mais próximo do meu objetivo que era de ingressar no ensino superior.

De início, resisti muito à ideia de estudar na UFC, por questões de influências dos meus professores/as do ensino médio e outrora por estar mais perto de casa, também por status social. Mas, preferi desviar meu caminho e parar aqui na UNILAB. A minha entrada no ensino superior, se junta ao de estar em uma universidade como a UNILAB, que possui em seu currículo uma grade curricular de perspectivas de vidas e ensino africanos com o objetivo da integração dos países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) em território cearense e baiano. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira fica situada no município de Redenção-CE. A cidade que é conhecida por ser a primeira cidade a abolir a escravidão no Brasil no ano de 1883, em 25 de março, 5 anos antes do sancionamento da Lei Áurea.

Escrever sobre minha entrada na UNILAB é um misto de sentimentos e descobertas. No meu primeiro contato com a universidade tive que realizar a matrícula presencial. No andamento de todos os processos para a conclusão de minha matrícula, chegou ao fim quando a pessoa que estava fazendo minha inscrição, me apresentou um documento em que eu iria assinar para a constatação de ser uma pessoa negra, que estava ali adentrando na universidade e, posteriormente, para a validação de minha constatação nos documentos entregues, já que eu estava entrando na universidade por meio do sistema de cotas.

Importante falar sobre esse momento de assinatura deste documento, em que nele eu me autodeclaro como uma pessoa preta. Neste dia, minha mãe estava ao meu lado, lemos este documento juntos várias vezes e, diversas vezes olhávamos um para o outro, a fim de saber a finalidade daquele documento, não só como porta de entrada minha para com a academia universitária, mas também um documento político que depois daquele dia me faria fazer sentido em toda a minha jornada escolar até a entrada no ensino superior como um corpo negro, que ali estava reivindicando seu espaço na

sociedade, um espaço de conquista por ser também a primeira pessoa de minha família a ingressar numa universidade no geral.

Este processo é lembrado sempre por minha mãe, que desde criança, como uma mulher negra retinta, minha mãe sempre sofreu racismo das demais diversas formas, consciente ou inconscientemente. Com toda essa carga traumática que o racismo deixa em nossa existência, a negação de raça de minha mãe como negra era corriqueira. Recordo que esse processo de se esconder da sociedade era uma forma de se proteger e nos proteger para com a exposição a qualquer tipo de violência que aconteceria naquele lugar. Digo que tenho sorte, pois fui criado por minha família materna, o contato com meus tios, tias, avô e avó materna me fizeram ter uma liberdade de ser uma criança negra entre eles, que são todos/às reconhecidos como uma mistura de povos indígenas, por parte de minha avó materna e com descendentes de quilombolas, por parte de meu avô materno.

Ao iniciar meu primeiro semestre, tive a impressão de que o acolhimento de pessoas negras para comigo foi de total espontaneidade e ancestralidade, daí fui vendo o quão era interessante estar em uma universidade como a UNILAB, uma instituição que aborda como metodologia a descolonização dessas teorias ocidentais-europeias, aplicando, assim, em suas áreas curriculares acadêmicas, teorias e epistemologias africanas para reivindicar que o povo negro têm história e que ela deve ser conhecida tanto socialmente quanto cientificamente, posso analisar como a UNILAB é um dos frutos da Lei 10.639/03 que implica no ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação básica brasileira e, conseqüentemente, um fruto da luta da movimento negro brasileiro.

Neste momento de interação com pessoas negras da universidade, tive contato com o tema de hiperssexualização do corpo negro com a professora Joalice Conceição, que iniciou comigo o gosto por trabalhar questões raciais, a partir da minha participação em seu grupo de estudos, Azânia. Neste período, pude ter a certeza de que esse seria o tema que estudaria e que minha pesquisa seria voltada para a compreensão sobre a questão de como se dá a hiperssexualização desses corpos negros em site pornográficos.

Ao aprofundar esse tema, notei que historicamente se pode perceber a objetivação dos corpos negros. Numa primeira observação, muitos vídeos trazem cenas, comentários fixados, diálogos sobre os atores e até as suas performances, esses elementos podem ser entendidos como exemplos de como as relações de poder reproduzem as relações entre o branco e o negro no contexto social brasileiro, já que os

corpos negros são vistos como subalternizados e objetos de desejos. Portanto, pode-se discutir a existência do racismo com o corpo negro e gay, tendo em vista que percebi em diferentes cenas e comentários que, o possível racismo vem disfarçado de posições em que os atores irão estar exercendo nos vídeos. Ademais, nas cenas em que usei para coletar dados para esta pesquisa sobre o tema, vi o quão alguns comentários acerca dos corpos negros podem acabar desumanizando os corpos negros ali em questão.

Falando de performance, não resumo os acontecimentos das cenas como algo só por fazer, discuto para ser aprofundado com a pesquisa, que o ator negro não está ali somente para ter o ato sexual com o parceiro de cena branco, ele está naquele momento exercendo um papel em que a sociedade o colocou, no lugar de subserviência, corpo que merece dar prazer, mas que não merece receber na mesma medida, por serem negros. De forma inicial, percebe-se outros diversos possíveis problemas que são trazidos com a análise de performances desses vídeos, principalmente, dos comentários que são feitos acerca do corpo negro, que é fetichizado e na maioria das vezes hiperssexualizado. Portanto, é necessário discutir sobre essas relações, na medida em que esses vídeos trazem reflexões de como o pensamento da nossa sociedade brasileira recaem em relação ao corpo negro. Por outro lado, entende-se que para os atores negros, os vídeos são um trabalho, na medida que estão expondo seus corpos para o prazer do outro. (onde eles devem ter entendimento de que estão expondo seus corpos para o prazer dos outros e por questões de trabalhos também). Por isso, esta pesquisa pode contribuir em chamar a atenção que há um impacto importante ao serem corpos negros, considerando-se alguns comentários fixados racistas acerca deles dentro da plataforma.

Com isso, reitero que esta pesquisa tem como objetivo principal a análise dos comentários desses vídeos a respeito do corpo negro e, que com a coleta desses dados eu possa fazer uma relação entre a sexualidade de corpos negros e a existência do racismo a partir desses comentários. Por outro lado, pode-se discutir como alguns comentários destes vídeos podem repassar um ideal de hipersexualização para os visitantes do site e produtores de conteúdo. De outro, a ideia de que o corpo negro, a medida em que está nesse ato performativo, estaria exercendo um espelho do que seja a sociedade brasileira, tendo em vista ter-se um vídeo pornográfico na qual coloca esse corpo como objeto-subserviente de um corpo branco e de uma população branca, que está ali apenas para satisfazer seus desejos, que, que é o intuito da indústria pornográfica, vender esse conteúdo, sem problematizar as relações raciais brasileiras.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste projeto está dividida em três tópicos, nos quais são eles respectivamente: A concepção do homem negro a partir da branquitude, neste tópico vamos abordar questões de contextualização, desde as épocas coloniais de 1530 até os dias hodiernos, visando assim buscar um aprofundamento sob o assunto citado e trazendo considerações para questões abertas, como a visão do homem branco.

Em outro tópico, se vai tratar da hiperssexualização do homem negro, onde discorreremos como comentários no site de filmes pornô, podem reproduzir a objetificação de negros. E, por fim, o último tópico que irá trazer a discussão sobre qual relação a indústria pornográfica tem para com os corpos negros.

Para tanto, o projeto traz como referências Frantz Fanon, Alan Costa, e autores/as que contribuem em contextualizar o tema.

Segundo Fanon (2008), o corpo negro pode ser tratado como objeto em uma relação. Desta forma, o autor em seu texto discute como funcionava a relação colonial, que buscava negar a humanidade e identidade de pessoas negras, impondo-lhes uma posição de subordinação e inferioridade.

Ademais, Costa (2019) discute que para corpos de homens negros há uma construção ideológica vinculada a uma ideia de “virilidade imponente a uma execução insaciável; de um pau grande à uma hipermasculinidade indomável”. Neste trecho, o autor cita que é isso que os corpos não negros esperam do homem preto, um objeto a ser usado.

Também, Nkosi (2014) aponta para a ideia do supermasculino pode tanto tramar contra a subsunção de que é vítima quanto desejar estar no lugar do seu senhor, tomando posse (mesmo que simbolicamente) do que lhe foi negado. Aqui neste trecho do livro de Nkosi, faço uma analogia ao lugar que é dado ao homem negro nos vídeos que serão analisados, o lugar do ativo, do homem que vai fazer a penetração e quando acontece a troca de lugar para ser passivo, a pessoa que irá receber; que é quando o autor fala sobre o homem negro estar no lugar do seu senhor, há uma rejeição dos assinantes, pois como eles dizem, o homem preto não pode sentir prazer, somente dar.

Além deles, hooks (2000) relaciona a escravidão com a afetividade, para a autora era mais fácil para os escravos se envolverem emocionalmente entre si, sabendo que essas relações seriam transitórias. Hooks nesse trecho vai falar sobre o amor, sobre como as pessoas pretas faziam para ressignificar o termo amor em suas vidas, já que as

pessoas pretas tinham que conter suas emoções, pois eram consideradas como pessoas fracas no mundo, isso na visão ocidental.

Sigo com o artigo de Bouchard, Bouchard e Boily (2005) que enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a sexualização precoce das meninas e suas consequências para o desenvolvimento saudável e a proteção da infância e adolescência, discussão que pode ser ampliada para pensar sobre os corpos de homens negros, por conta da forma como se constrói um imaginário de objeto de prazer.

Sobre isso, Teixeira (2015, p. 5, apud Bessette, 2006) em seu artigo Hipersexualização, Gênero e Media observa a partir de Richard Bessette que a hipersexualização envolve o uso excessivo de estratégias centradas no corpo com o objetivo de seduzir, refletindo um modelo de sexualidade redutor disseminado pelos meios de comunicação, que se inspira nos estereótipos da pornografia: homem dominante e mulher-objeto sedutora e submissa, reforçando dicotomias sexuais.

Ademais trago o artigo de Francisco Arkires Silva do Nascimento e Rafael Lima Vieira (2024), no qual os autores discutem como essas representações pejorativas, construídas ao longo da história, contribuíram para a marginalização e desumanização dos corpos negros. Eles destacam que, nas artes visuais contemporâneas, há uma busca por subverter essas narrativas, propondo novas formas de representação que desafiem os estereótipos impostos pela colonialidade do saber e do poder.

E, por fim, Barros e Barreto (2019) que discutem sobre a crescente digitalização e acessibilidade da pornografia e como ampliaram seu impacto na formação de subjetividades e comportamentos, tornando-a uma ferramenta poderosa na construção e disseminação de discursos sobre sexualidade e poder.

O TCC de Clark Hammer Soares Garcia (2019) formado em sociologia pela UFU também foi um dos materiais estudados para a feitura deste projeto, seu trabalho intitulado *A hipersexualização dos negros na indústria pornográfica* faz uma análise sociológica sobre a representação social dos negros, na sociedade branca capitalista e nas mídias sociais, com ênfase na indústria pornográfica.

Por fim, minha pesquisa insiste em focar na delimitação do homem negro e gay brasileiro, no site *x vídeos*, a fim de trazer respostas e um enfoque maior para esses dois polos da pesquisa e, assim, contribuir em complementar as lacunas que não foram exploradas pelo TCC de Garcia, considerando que o debate se situa na heteronormatividade.

Assim, visto com esse projeto abrir questões para outras pesquisas, a fim de possibilitar uma gama de assuntos que, de certa forma, possam partir do princípio da hipersexualização do corpo negro e gay com um olhar crítico, dentro da sociedade brasileira.

6.1. A CONCEPÇÃO DO HOMEM NEGRO A PARTIR DA BRANQUITUDE

É notório que desde os primórdios da colonização brasileira, houve vários acontecimentos para que o racismo estrutural¹ no Brasil fosse reforçado de inúmeras maneiras. Desde a escravização dos corpos negros como objetos de uso e desuso. Neste projeto iremos focar sobre como o corpo dos homens negros eram utilizados por seus senhores e senhoras como um corpo não só para as atividades braçais, porém, também para atos sexuais.

Segundo Frantz Fanon (1961, p. 9) a violência colonial não se propõe apenas a manter, em atitude respeitosa, os homens submetidos; procura desumanizá-los. Desta forma, este trecho revela a estratégia colonial de não apenas subjugar fisicamente, mas também de negar a humanidade dos escravizados. Essa desumanização é essencial para compreender a construção da identidade negra sob a ótica da branquitude, visto que, perpetua-se até os dias hodiernos como estruturas que colocam pessoas negras em lugares subalternizados.

Em contrapartida, trago Alan Costa para enriquecer o debate em cima de como essas relações se estendem até hoje para com os corpos negros e gays brasileiros. Alan Costa (2019, p. 1) sugere que o corpo negro masculino se torna um objeto: “Além de enfrentarem a imposição ideológica de uma masculinidade viril e objetificadora – construída pelo racismo –, lidam também com a noção heteronormativa, que enxergam as suas relações como apenas lascivas e sexuais – desprovidas de sentimentos”. Assim, compreende-se que a imposição de padrões de masculinidade hegemônica, centrados em atributos como força, agressividade e controle, coloca o homem negro em uma posição de subordinação, pois ele é frequentemente visto como incapaz de corresponder a esses padrões devido à sua racialização. Essa construção da masculinidade negra é, em grande parte, uma resposta às expectativas da branquitude, que define o que é considerado "masculino" e "aceitável".

¹ O racismo é estrutural, ou seja, integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável, como argumenta na atualidade Ribeiro (2019).

Deivison Nkosi Faustino (2014,p. 80) também destaca que o homem negro é pressionado a ser "macho ao quadrado" para ser reconhecido, indicando que sua identidade masculina é validada apenas quando se alinha aos estereótipos impostos pela sociedade branca. Essa imposição limita a expressão autêntica da masculinidade negra e reforça a marginalização do homem negro nas esferas sociais, afetivas e sexuais.

E, reforçando o que Nkosi traz para enriquecer este projeto, bell hooks complementa em seu texto *“Vivendo de amor”* sobre como, de certa forma, o impacto da escravidão influencia hoje na forma de como os corpos negros se relacionam diante de uma sociedade racista. Segundo a autora “o sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual [...] havendo a necessidade de reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar” (hooks, 2020, p. 1).

A partir dessas primeiras discussões é possível perceber a complexidade que o tema traz, como veremos a seguir, no debate da hipersexualização.

6.2. HIPERSEXUALIZAÇÃO DO HOMEM NEGRO

Quando se fala em hipersexualização do corpo negro, não é sobre a proibição de olhar para aquele corpo ou desejá-lo, mas sim, como a branquitude até hoje não consegue enxergar esses corpos como corpos que merecem afeto e uma visão humanizada de suas subjetividades, fazendo assim, com que possivelmente pelo viés racista estes corpos acabem sendo objetificados em seu todo. Então, trago um trecho do livro de Bouchard para darmos início a discussão deste tópico.

Segundo Bouchard, Bouchard & Boily (2005, p. 15), a hipersexualização pode ser compreendida como o processo de atribuir conotações sexuais a comportamentos, produtos ou indivíduos que originalmente não possuem esse caráter. Quando essa definição é aplicada à análise social e cultural, torna-se notório que a hipersexualização não se limita a objetos ou comportamentos, mas atinge também corpos humanos — especialmente corpos negros em questão. Além disso, conforme citado pelos autores acima, Richard Besset (2006) complementa que hipersexualização é o uso excessivo de estratégias centradas no corpo a fim de seduzir.

Desta forma, trazendo para um debate racial, essa representação contribui para estigmatizações profundas, reforçando estereótipos racistas que associam pessoas negras à lascívia, ao instinto e à disponibilidade sexual. Dito isto, o fenômeno da

hipersexualização de corpos negros não é apenas uma questão estética ou de imagem, mas um reflexo de estruturas de poder que desumanizam esses corpos, reduzindo-os a objetos de desejo ou fetiche, e afastando-os de uma representação complexa e digna de sua humanidade.

Seguindo nesta linha, o corpo negro no âmbito pornográfico, para além dessa exposição como um ato de trabalho a fim de receber lucros pessoais, é importante ressaltar que se está diante de uma prestação de serviços nos site pornográficos na sociedade contemporânea, no entanto, buscamos problematizar os olhares brancos sobre eles, é sobre a possível influência do racismo neste local de subjetividade aonde são colocados os corpos negros, considerando-se uma sociedade que objetifica o papel sexual de homens negros.

Ainda nesta perspectiva, para fomentar esta discussão acerca de um problema criado no processo de escravização, sobre subjetividades e o que “marcou” este processo, digo na escala sociocultural para com os corpos negros escravizados e seus afro-descendentes, seguiremos com os autores Francisco Arkires Silva do Nascimento e Rafael Lima Vieira (2024,p. 89), que em seu artigo os autores discutem que a escravização resultou em várias representações visuais dos homens negros, que eram percebidos de maneira generalizada como meros animais, desprovidos de razão, inteligência, humanidade e cultura.

Diante da citação exposta, nota-se uma certa desumanização do corpo negro em diversos âmbitos em esferas sociais, porém, ao ser comparado subjetivamente com um animal é imprescindível que se tira todas as características da humanidade desses corpos negros, os deixando sem qualquer possibilidade de humanização a fim de fazer de utilidade seus corpos para inúmeras possíveis serventias na sociedade contemporânea, fazendo com que o estigma de escravizado ainda continua latente na história do povo negro.

Assim, fica visível que essa possível ferramenta de exposição na indústria pornográfica, possa fomentar o racismo, ou a hipersexualização que aqui tratamos. Dessa forma, nota-se que a estrutura social contemporânea brasileira insiste em colocar os homens negros e gays como corpos subalternizados e sem humanização não em cenas específicas, mas nos comentários fixados que são feitos acerca desses corpos no site.

6.3 O PAPEL DA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA X CORPOS NEGROS

É imprescindível notar que a pornografia se constitui como um mercado, uma indústria que movimenta milhões de dólares por ano e, ao trazer aqui uma discussão sobre uma hiperssexualização, que possivelmente coloca o homem negro no centro do racismo, pode destoar da relação empregado e empregador. No entanto, mesmo sendo uma forma de trabalho, o mesmo não deixa de espelhar as relações desiguais entre os sujeitos da sociedade, e, em meu caso a ser discutido, como as relações raciais aparecem nesta indústria pornográfica.

Barros e Barreto (2018,p. 313) afirmam que, a pornografia precisa ser encarada como uma produção midiática que influencia a sociedade brasileira e é influenciada por ela. Portanto, para além de todo esse arcabouço de entender que existe uma relação entre contratantes e contratados, de certa forma, o autor traz uma luz sobre o que se pode pensar, que tanto essa produção midiática pode influenciar o público-alvo em questão, como pode ser influenciada justamente também por esse público, buscando assim atender demandas relacionadas aos tipos de conteúdo ali produzidos.

Seguindo esses mesmos autores, complementam que o discurso da pornografia não inaugura a objetificação de corpos negros, mas que as relações mostradas pelos diferentes vídeos escancaram os tijolos do racismo e sexismo, sobre os quais se erguem a estrutura de nossa sociedade. Dito isso, ao relacionar com a possível hiperssexualização dos homens negros, pode-se entender que, para além do estudo na pornografia, essa hiperssexualização pode também ser entendida como um fenômeno que se manifesta em diversos âmbitos da nossa sociedade, sendo na mídia, moda, internet, músicas e videocliques, afetando assim a sociedade como um todo.

Por conta disso, é que esse estudo contribui para um âmbito crítico, social e acadêmico, pois vemos a necessidade de aprofundar mais pesquisas sobre o tema, e buscar autores/as que discutam sobre essa questão, a partir do ponto de vista racial.

Neste sentido, entende-se que a proposta da indústria é acumular dinheiro, no entanto, por trás disso existe uma sociedade que espelha contradições sociais, dependendo dos sujeitos que ali estão expostos, reproduzindo discriminações de diferentes formas, o que se pretende aprofundar na pesquisa em tela.

7 METODOLOGIA

7.1 TIPO DE MÉTODO

Essa pesquisa é de cunho exploratória, pois será feita a partir da observação de comentários fixados de vídeos, no site *xvídeos*. Segundo Gil (2019, p. 46-47.), pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Com isso, pretendo reunir o máximo de comentários possíveis para a fundamentação desta pesquisa.

Ademais, ela é explicativa, pois essa pesquisa tem a finalidade de explorar de que forma o consumo do conteúdo desses vídeos, principalmente sobre como os comentários são feitos acerca dos corpos negros ali em cena, podendo ser entendimento ou não como um consumidor racista, gerando assim uma possibilidade em se explicar como as relações raciais aparecem exposto no tema. Gil (2019, p. 47-48) afirma que pesquisas explicativas têm como objetivo identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. Por fim acredito que desta forma irei conseguir abordar o tema e reunir materiais para a fomentação desta discussão nas demais esferas acadêmicas e sociais.

7.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

A partir da análise dos comentários, visto buscar uma percepção desses comentários, que seria no caso a resposta para o meu projeto de pesquisa. A análise funcionará a partir da leitura e observação dos tipos de comentários fixados dos vídeos do site. A quantidade de comentários será de quatro comentários por vídeos. Os vídeos que serão analisados são os que os homens negros estarão contracenando com homens brancos, a tag *interracial*.

I. Técnicas empregadas para a coleta de dados

A coleta ocorrerá a partir da observação dos comentários fixados que os consumidores do site irão fazer acerca do corpo do homem negro ali presente no ato do vídeo. Assim, como proposta de analisar uma possível hiperssexualização nestes comentários acerca desses corpos negros em questão.

7.3 A COLETA DE DADOS

II. Descrição da coleta

A coleta de dados irá acontecer somente dos comentários fixados que são feitos pelos consumidores desse site e por fim passarei tudo para o caderno, criando uma tabela.

7.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DA PESQUISA

Os critérios de inclusão que serão adotados nesse projeto, são de que os vídeos que irei analisar serão os que contém as cenas em que os homens negros contracenam com atores pornográficos brancos, a tag *interracial*, e com eles os comentários fixados também, que servirão de base principal para a formentação deste projeto de pesquisa. Não incluirei vídeos que não seja sobre a tag *interracial*, pois, assim, fica mais facil delimitar como estudo para essa primeira parte do projeto. Ademais, coletarei vídeos dos anos 2018 até 2020, para que possa ter um material bem reforçado.

7.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A pesquisa ocorrerá de forma que não mostrará os nomes, nem imagens dos perfis dos assinantes dos conteúdos, o que será mostrado serão os comentários, tipos deles, sobretudo os que são feitos acerca do corpo negro ali em cena. Será coletado somente o conteúdo verbal e emojis associados nos comentários.

7.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Coletarei os comentários dos perfis para assim conseguir estruturar minha pesquisa com base no reforço desses comentários e, assim, fazer uma relação de estudo sobre o tema de pesquisa proposto.

REFERÊNCIAS

BARROS, Paulo Esber; BARRETO, Robenilson Moura. Corpo negro e pornografia: a fantasia do negro pauzudo. **Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 12, n. 19, p. 301-315, 2018.

BOUCHARD, Pierrette; BOUCHARD, Natasha; BOILY, Isabelle. **La sexualisation précoce des filles**. Montréal: Les Éditions Sisyphe, p. 10-20, 2005.

COSTA, Alan. Bichas pretas: entre o objeto, o abjeto - poucas vezes afeto. **Correio Nagô**. Disponível em:

<nago.com.br/portal/bichas-pretas-entre-o-objeto-o-abjeto-poucas-vezes-afeto/> Acesso em: 10 abril. 2025.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 11-12, 2020.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 8-9, 1961.

GARCIA, Clarck Hammer Soares. **A hiperssexualização dos negros na indústria pornográfica**. 2019. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade de Uberlândia, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, p. 46-48, 2006.

HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor**. São Paulo: Editora Elefante, p. 1, 2020.

NASCIMENTO, Francisco Arkires Silva; VIEIRA, Rafael Lima. A sexualização do corpo negro gay: análise discursiva da construção da identidade em meios midiáticos. **Horizontes Sociológicos Afro-Lusófonos**, v. 1, n. 1, 2024 p. 80-94.

NKOSI, Devid Faustino. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher/organização**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014 p. 75-104.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Cia das Letras, p. 10-11, 2019.

TEIXEIRA, Filomena. Hipersexualização, gênero e media. **Interacções**, v. 11, n. 39, p. 1-9, 2015.